



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UEMS

UNIDADE UNIVERSITÁRIA CAMPO GRANDE

PÓS-GRADUAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM LATO SENSU

EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

**MITOS TERENA CONTADOS POR INDÍGENAS ANCIÃS: A
MEMÓRIA COM FONTE DE CULTURA**

BASTIANA FLORIANO TIAGO

CAMPO GRANDE – MS

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UEMS

UNIDADE UNIVERSITÁRIA CAMPO GRANDE

PÓS-GRADUAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM LATO SENSU

EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

**MITOS TERENA CONTADOS POR INDÍGENAS ANCIÃS: A
MEMÓRIA COM FONTE DE CULTURA**

BASTIANA FLORIANO TIAGO

Monografia apresentada a Especialização em Lato-Sensu em
Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato
Grosso do Sul, Sob a orientação da Prof.^a Denise Silva .

CAMPO GRANDE – MS

2019

Ficha de Catalográfica

T426m Tiago, Bastiana Floriano

Mitos terenas contados por indígenas anciãs: a memória como fonte de cultura/ Bastiana Floriano Tiago. – Campo Grande MS, UEMS 2018.

42p.

Monografia (Especialização) – Língua e Cultura Terena – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Silva.

1. Memória 2. Mitos terenas 3. Indígenas anciãs I. Silva, Denise II. Título

CDD 23. ed. - 398.2089

FICHA DE APROVAÇÃO

BASTIANA FLORIANO TIAGO

MITOS TERENA CONTADOS PELAS INDÍGENAS ANCIÃS: A MEMÓRIA COMO FONTE DE CULTURA

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação de Especialização em Lato Sensu em Língua e Cultura Terena, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção, do Título de Especialização em Lato Sensu em Linguagem e Cultura Indígena. Tendo sido _____

Campo Grande - MS: ____/_____/2019.

Prof^o Dr^a Denise Silva
Presidente

Prof^o Dr^a Valeria Faria Cardoso
Membro

Prof^o Dr. Marlon Leal Rodrigues
Membro

Prof^o Dr^a Elisangela Amaral
Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares, e especial aos meus filhos, que foi meu ponto de equilíbrio, me apoiando e ajudando a superar todos os obstáculos. As pessoas participaram e conviveram comigo nestes dois anos de faculdade, ajudaram de certa forma a acrescentar conhecimento em minha vida

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus, fonte da minha vida, agradeço pela minha vida inteligência, minha família e meus amigos e à minha orientadora.

O Senhor é a minha luz e a minha e a minha salvação; a quem temerei? O senhor é a força da minha vida: vida de quem me recearei?

LISTA DE SIGLAS

EI-Escola Indígena.

TCC-Trabalho de Conclusão de Curso.

UEMS-Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

RCNEI-Referencias Curriculares Nacionais da Educação Indígena.

LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PNE- Plano Nacional de Educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Visão da entrada aldeia Terere.

Ilustração 2 – Crianças Terena em momento de lazer.

Ilustração 3 – Escola Cacique João Batista Figueiredo.

Ilustração 4 – Igreja Uniedas

Ilustração 5 -Dança da ema ou dança de bate-pau.

Ilustração 6 – Dança da seputerena, dançada pelas mulheres.

Ilustração 7 – Dona Leda geronimo.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 11 |
| Capítulo I - Nação Terena: seu povo, sua aldeia e sua cultura | 14 |
| 1.1.Os Terena..... | 14 |
| 1.1.1. Histórico da Aldeia Água Branca..... | 16 |
| 1.2. Escola Indígena: Instrumento de Preservação da Cultura e História do Povo..... | 22 |
| 1.3.Outras instituições da Aldeia Água Branca..... | 33 |
| Capítulo II - Os mitos contados pelas anciãs e sua importância na preservação da cultura Terena..... | 35 |
| 2.1. Os mitos narrados nas Línguas Terena e Portuguesa | 37 |
| 2.1.1, <i>Exétina eno yoti</i> | 37 |
| 2.1.2. <i>Hoenaxope ôra viyéno</i> | 39 |
| 2.1.3. <i>kutipone</i> | 40 |
| Considerações Finais | 41 |
| Referências | 43 |
| Anexos | 45 |

RESUMO

Esta pesquisa, intitulada “Mitos Terena contados pelas indígenas anciãs: a memória como fonte de Cultura”, teve como objetivos recuperar, registrar e despertar interesse em relação aos mitos terena que estão nas memórias das anciãs indígenas da etnia Terena, na Aldeia terere, no município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul. O registro destes mitos só existe na memórias das anciãs, enquanto a juventude e as crianças da aldeia demonstram pouco interesse em aprender, memorizar e conta-los. Com esta pesquisa as anciãs narraram, pela primeira vez, os mitos indígenas da etnia, que estão neste trabalho dos quais são guardiãs, passados de geração a geração, sabendo que os mesmas, sendo registrados, não se perderão com sua morte. Como indígena Terena, sei que os mitos contados pelo meu povo, servem de ponto de referência para nós, sustentando nossa cultura e reafirmando a nossa história. Durante a pesquisa, fiz escrita na língua materna, nas terenas e portuguesa, dos mitos que ainda são preservados, pois três mitos contados e, portanto, ainda e vivos. Para pesquisa fiz uma descrição históricas sobre a nação Terena da aldeia Terere, onde moro atualmente, a fonte da pesquisa, bem como algumas instituições, como escola que compõem. Além disso, descrevo a escola indígena da aldeia e a importância dos mitos no currículo da mesma. Apresento, ainda, fotos do cotidiano e da cultura Terena. Espero que, no futuro, esta pesquisa sirva como fonte de fortalecimento da identidade étnica e cultural para novas gerações, além de se tornar um instrumento precioso para os professores Terena, como material didático, possibilitando aos jovens e às crianças indígenas conhecerem sua origem.

PALAVRAS-CHAVE: Anciãs Terena -Aldeias -Mitos Terena – Escolar Indígena.

KALIHUTI YENSO YA YUNSÓMO

Enepone ihikauti hara koyúho “éxetina sêno mêmô kopénôti náti :xêti motovâti vitúkopea véxone”,vo’oku hanéyeti ânja ngoyúhoyea,yokó’o imbiheamaka koyuhópetike motovâti ngáxunakopea isóneu né yuhóikoati keno’ókoti káxe ra éxetina mêmehiko ihae Terere ,avôti xóko pitivóko kuáhati Sidrokake -MS. Enepora xêti ,póhane xokó kúxoti senóhiko exôa ,ina kenó’oko ra inámati kalivonohiko ákone akaha’a éxea ra xéte yóko’o ihikaxeova.Yara ihikauvoti,koyúhoa kixoku itúkevo mekúke ra kopénôti ,vo’oku unáxkixoa isóneuke ra xêti ,ukeâti xokó ôxunoe pomaka ôxu.Yúho ra mêmehiko,ákoyeanemo yónoku isóneu ,vo’oku enepora xêti pihópôtinemo xoko koyuhópeti,seapána káxe pihópope xoko ituko’oviti(ivakápu),áko’nemo ivúixa ra xêti.Kuêku indúkeovo kopénôti ,éjoa itúkevo únati exonéti xokó vihikaxeova ,motovâti kóexepukea ra kúxoti vitúkeovo,ákoyeane áoke’e . Koêku indúkeo ra ihikauvoti, anêko ngaravaso ya emóuke kópenôti ina imbihopa ya emóu purútuye, anêkomaka yutó kuêti koyuhópetike, piá kuemaka yuhôti ya emóuké kópenôti Yoko ya purútuye. Anêko ne xêti ákotinemo vexâ’a vo’oku ivókovone exôti. Kuatûru kôe xêti imbihone koyuhópetike, avo ivákapu ne itukôati ra xêti. Motovâti éxeokono ra inamati ihikauvoti xapa viyeno, koané, imbihoa koyuhópetike éxetinati kopenóti, ihae Terere. Ngoyúhoamaka éxetina ihikaxovokuti Yoko kixóku vitúkeovo, motovâti káxunakea exonéti. Imbihoamaka nonêti motovâti éxea kuêku kixoku vitúkeovo ya xoko vipuxovoku. Ngúxo káxe keno’ókoti, enepora imbihone koyuhópetike itúkeovomo opósiuti xapa ihikaxovoti, motovâti káxunakopeamaka isóneu Yoko éxone, motóvamaka itúkevo koitukepe ne ihikaxoti xoko ihikau. Vo’oku huvo’óxoatimoéxea vúkeku.

LINGUA TERENA:Même kopénôti-Ipuxóvokuti-Éxetina Kopénôti-Ihikaxovoku,Kopénôti.

INTRODUÇÃO

Pertenço ao povo indígena da etnia da Aldeia Água Branca. Mas hoje estou morando na Aldeia Tereré, vim pra a procura de serviço, em cinco de janeiro 2001 cheguei nessa aldeia Tereré, mãe dos filhos, no mesmo mês entrei na Empresa Seara, no decorrer do ano, Em 2005 voltei a estudar, prestei a vestibular naquela época ,passei no curso de administração ,em Maracaju, no qual ingressei como cotista indígena ,durante quatro anos não foi fácil ,mas me dediquei no meu estudo, passei muitas dificuldades, mas dou graça a Deus que é maior acima de tudo ,em 2011 conclui meu curso .mas como não estou trabalhando na área de administração ,decidi a fazer curso de pedagogia ainda ,estou lutando para terminar o curso de pedagogia,no município de Sidrolândia , sempre senti inquietação pertinentes às tradições e cultura de meu povo, principalmente em relação mitos indígenas que ouvia enquanto criança e, dia após dia, via desaparecendo da minha cultura, sendo esquecidas. Aquela época dos nosso à avós de manhã e a noite contavam mitos as vezes a gente ficava com medos, mas hoje entende a importância de deixar para meus netos. Pensava sempre: o que posso fazer para ajudar a despertar o interesse em relação a eles e ajudar a preserva-los na memória dos mais novos? Percebi a necessidade de, por meio dos meus estudos, expor as dificuldades, ganhos e perdas de meu povo em relação aos mitos e decidi construir um trabalho científico para o registro deles, de forma a preservar parte da nossa memória ética.

Estas inquietações levaram-me a escolher como tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, no curso de Pós-Graduação de Língua Terena da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS no qual ingressei como indígena em 2017, os mitos contados pelas anciãs indígenas Terena, destacando a importância deles como fonte de cultura do povo. A pesquisa teve como objetivo geral a recuperar e registrar traços culturais através dos mitos guardadas na memória e relatados pels anciãs da etnia Terena e introduzi-los no curricular da Escola Indígena-EL, como forma de fortalecimento de identidade cultural Terena.

Para recuperar a cultura e a identidade , fundamentais fatores norteadores, da Educação Indígena e da tradição Terena; com o passar do tempo percebi a grande necessidade de buscar relatos que constituem a memória das anciãs pertencentes á etnia Terena .residentes na Aldeia Tereré .Com estas pesquisa muitas delas contaram ,sua

história pela primeira vez e recontaram os mitos indígenas dos quais são os guardiãs, passando de geração em geração .o registro de muitas desses mito só existe na memória delas, algumas com mais de sessenta anos ,enquanto a juventude e as crianças da aldeia influenciadas ,talvez ,pelo contanto com purutuye (não indígena),demostram pouco interesse em aprender ,memorizar e contar os mitos. Muitas já nem acreditam nelas.

Durante muito séculos, uma boa parte dos mitos foi esquecida. Durante relatos das anciãs pude observar que, na convivência da comunidade tradicional com comunidade não indígena, houve um processo de mudança cultural ocasionada pela exigência do meio, o qual gerou um choque em as duas culturas A maioria das Aldeias indígenas sofre com esse choque cultural e muitas comunidades perderam suas identidade culturais e língua materna ,E maioria ,as vezes mudam para cidade ,não por que eles querer ,talvez por causa dos estudos ou trabalho e acabam deixando aldeia onde mora ,as vezes casam com purutuye , assim ,um desequilíbrio étnico com a perda dos costumes e conhecimentos tradicionais do povo Terena., mas criança de hoje precisa acompanhar globalização ,para geração nova geração é inescapável. Hoje em dia sem internet não podemos fazer nada ,por isso tem acompanhar a globalização, ´por outro lado acaba esquecendo própria cultura .As vezes me preocupo com situação das crianças ,como falante de língua Materna

Com o distanciamento da língua nativa na comunidade Terena, a escola da aldeia colocou, em seu curricular, a língua étnica como disciplina, como meio de valorizar da tradição e a cultura, também através da escrita. Sendo assim, o sentido desta monografia é contribuir na revitalização dos mitos indígenas e, progressivamente, usá-los na comunidade e na escola da aldeia Tereré, pois eles se constituem como um dos elementos mais importantes da nossa cultura.

Como indígena Terena, sei que os mitos contados pelo meu povo servem de ponto de referências para nós, sustentando nossa cultura e reafirmado nossa história. Por é importante fazer o registro oral em língua materna e depois traduzir e registrar na forma escrita em Terena e Português, dos mitos que ainda são reservados, pois muitos morreram e deixaram de ser contados ou foram esquecidos, com as anciãs que os contavam .Espero que, no futuro ,esta pesquisa sirva como fonte de cultura e fortalecimento da identidade étnica e cultural para as novas gerações que estudam na Escola Indígena da aldeia ,além de se tornar um instrumento preciosa para os professores Terenos, como material didático, possibilitando aos jovens é as crianças

conhecerem sua origem ,Aqui na aldeia tereré ,onde fiz as gravações dos mitos contados na língua materna .após isto, fiz tradução para a língua portuguesa e o registro escrito na duas línguas.

O texto escrito na primeira pessoa, por sugestão da orientadora, é uma forma autoafirmação de minha identidade indígena, o que me dá a posse do trabalho intelectual, ou seja, eu sou uma indígena falando com meu povo, com olhar de sentimentos indígenas, e não como os purutuye falaram toda a nossa história. Senti muitas dificuldades, dadas às exigências acadêmicas e às dificuldades de uso de língua portuguesa, mas venci e apresento, o meu trabalho.

No primeira capítulo desta monografia construí um histórico sobre meu povo, minha aldeia e as instituições que lá existem, principalmente a escola indígena. No capítulo seguinte, apresento o registro dos mitos nas línguas Terena e portuguesa e algumas reflexões sobre o papel que estas desempenham na conservação de nossa cultura. Por fim, apresento algumas conclusões, destacando a necessidade de inserir esses mitos como conteúdo no curricular da Escola Indígena, possibilitando às crianças Terena o conhecimento e a guarda de sua história, ou seja, da história do povo Terena, mesmo todos estando cada vez mais próximos dos purutuye e de sua cultura.

CAPÍTULO I. NAÇÃO TERENA: SEU POVO, SUA ALDEIA E DE SUA CULTURA

1.1. Os Terenos

O povo Terena é pertencente ao subgrupo Guaná, filiado ao tronco linguístico *Aruak*, oriundo das terras chaquenhas da região do Chaco Paraguai, conhecido pelos Terenas como *Êxiva*. No século XVIII atravessaram o Rio Paraguai em direção ao território brasileiro e se instalaram na região do Mato Grosso do Sul, especificamente na região do município de Miranda e Aquidauana, ocupando áreas de terras para praticar a agricultura. Em seu processo migratório, buscavam um espaço para sobreviver praticando a caça, a pesca, o artesanato e sua tradição (Bittencourt, 2000)

Mais de 500 anos já se passaram e os Terenos procuram manter sua cultura, sua cultura, ao preservar a língua, os rituais tradicionais considerados como a mais forte marca que assegura sua identidade, e sua tradição na forma de ser e de viver Terena. Nós os Terenas, vivemos nossa cultura, ora no espaço, ora no diálogo ao redor do fogo. debaixo das frondosas mangueiras, acompanhadas do mate ou do tereré, onde nos juntamos em círculo com os familiares, amigos e agregadas, é para compartilhar os ensinamentos os ensinamentos. É o momento íntimo, no âmbito familiar, em que os mais velhos aconselham os mais novos, transmitindo os saberes tradicionais. A família Terena exerce função de educar, disciplinar e preencher os jovens e as crianças com seus conhecimentos, ou seja, com seus valores, sua cultura, que criam e recriam dentro da dinâmica cultural.

Compreender -se portanto, que a” cultura é a forma de viver dos humanos em grupos sociais e, ao mesmo tempo ,a forma de viver em grupos social específico , ou de um povo social ,ou de uma época, com conhecimentos, de valores ,de crenças ,de crenças, de ideias e de prática de um grupos social ,ou de um povo, ou de uma época ”- BESSA apud BRASIL,2005,pág.25.

Por se pensar assim, não temos uma cultura padrão ou mesmo universal; enganamo-nos, pois, a cultura é dinâmica. Concluimos que cada povo traz consigo seus costumes, traços e formas de organização.

Sob a experiência do convívio com os Terena, Taunay. Nasci dentro de uma família tradicional Terena na Terra indígena Água Branca município de Aquidauana,

mas atualmente estou morando na Aldeia Tereré município de Sidrolândia MS a busca de sobrevivência, meus filhos e netos falam a língua materno e seguem os costumes e tradição Terena. Os Terenos são remanescentes do povo Aruák. Segundo (BITTENCOUT, LADEIRA,2000).

A história do povo Terena é longa e está ligado às histórias de vários povos indígenas, dos europeus, dos africanos e seus descendentes .O povo Terena, juntamente com os laiana e os kinikinau, faz parte da história de grupos indígenas que vivem em vários e países da América.(BITTENCORT,LADEIRA,2000,p.12).

1.1 .1 Histórico da Aldeia tereré.

Este trabalho foi realizado na Aldeia Indígena Tereré localizada na área rural Município Sidrolândia, em Mato Grosso do sul, e aproximadamente ,40KM de Campo Grande, capital do Estado.

De acordo com relatos de moradores da comunidade da Aldeia Tereré, nos anos 80, nasce a comunidade indígena Buritizinho, exatamente 36 anos de história conhecida também como Aldeia Tereré. Nasceu como tantas outras espalhadas por esse país, das necessidades por qual já vimos ao longo da história Brasileira.

Aldeia tereré, nasce para atender a necessidade, não somente da época por qual estava passando, mas já era visível para os indígenas que o futuro dos terenas estava na decisão do qual eles teriam que tomar ,os Terenos estavam naquela momento buscando outras formas de vida ,pois os Terena já haviam passado por isso em outros tempos ,a abertura para o exterior possibilitou a adaptação em situações diversas.(AZANHA,2006).

A aldeia Tereré foi fundada há cerca de trinta e seis anos, sendo a área, uma doação feita por Antunes de Andrade para o cacique João Batista Figueiredo, nasceu no ano de 1980, mas somente em 1991 a área é homologada como terra Indígena. Cresceu e tem organizações próprias conforme os costumes e tradição do povo Terena.

As primeiras famílias a se instalarem na Aldeia foram: Figueiredo, Batista, Gabriel, Custódio e Clementino. Essas famílias, oriundas das aldeias Buriti e córrego do Meio, ali se fixaram com objetivo de maior possibilidade de emprego, atendimento médico e escola.

Os Terena são conhecidas como excelentes agricultores, mas, em razão do pouco espaço da Aldeia, busca alternativas a próprios neste contexto ambiental. A população mais jovem trabalha em diversos locais.

A história da criação da aldeia Tereré esta ligada com a educação e a construção da estrada de ferro no município de Sidrolândia MS,os Terenas da terra Buriti ,já deslocavam para Sidrolândia MS,para comercializar os produtos que cultivam nas rosas como: mandioca ,milho,batata,feijão o transporte usado naquela tempo para chegar até a cidade de Sidrolândia MS era carreta de boi demorava em chegar á cidade em função da estrada que era muito ruim.

Como precisava ficar por alguns dias, até vender seus produtos, os indígenas se abrigavam neste espaço onde futuramente será a aldeia buritizinho(terere). Nesse período, como os indígenas já se estabeleciam no local, Sidrônio Antunes de Andrade declarou terra de propriedade indígena, uma área de dez hectares.

As casas, de início, eram construídas seguindo o modelo tradicional, sendo coberta de sapê ou folhas de carandá, com laterais fechadas com adobe ou pau-a-pique e o piso era de chão batido. Hoje é comum ver a forma deferente de construção das casas, em algum se misturam o tradicional e o moderno, outras já seguem a construção de alvenaria, mas sem deixar de construir uma dependência tradicional ao lado. Muitas são as casas de hoje construídas pelo governo, feitos nos padrões de casa populares das cidades, ou seja, casas de alvenaria, transformando a paisagem da moradia na aldeia. A falta de matérias primas também influencia na ausência de construção de casas tradicionais.

Quando cheguei nesta aldeia ,teve oportunidade de conhecer a saudosa dona Flavia Alcântara e pajé João Batista Figueiredo, e o fundadores da aldeia tereré ,e falava pouco a língua portuguesa ,e ele foi a primeira **capitão** da aldeia ,era um dos **koéxomoneti** ou pajé líder espiritual muito conhecido e respeitado na região ,pois dominava os conhecimentos místicos e da natureza .conheci um pouco de vida deles.

Era muito constante a presença de pessoas de todos os lugares da região ,inclusive pessoas de outras aldeias .vinham em busca de resolver seus problemas de saúde ,muitas vezes desengrenados pelo médicos .o ritual das ervas medicinais ,João Figueiredo conhecia muito o poder das ervas ,coletava e fazia chá para vários tipos de doenças ,segundo (LESCANO,p.56,2016).É um sujeito saudável que, por meio de remédios ou plantas medicinais ,gosta de ajudar os outros com seu saber sobre a planta ,usa esse conhecimento para ajudar a coletividade. Outros conhecimentos tradicionais que dominava era sobre os fenômenos da natureza, nas rodas de conversa dizia que tudo na natureza tem dono, a mata tem dono, a água tem dono ,os animais tem dono, e cada um desses tem a sua importância para natureza e para as pessoas e dizia que a natureza conversa com agente, que ela transmite a informações, como por exemplo: canto dos pássaros ,o vento, a lua, o sol pode agir sobre nós .Para extrair matéria prima da mata é preciso respeitar a fase da lua

Imagem 1: abaixo e retrato Flaviana Alcântara e João figueiredo.

Figura: Pajé Terena e conselheiros da Luta.



Disponível: acervo do autor,2018.

Hoje na aldeia Terere Senhor Valtrude Figueiredo, filho saudoso eterna João Batista figueiredo e dona Flaviana Alcântara, continuou o trabalho do pai dele, koêxomonéti em terena autentico que ao longo da vida soube compreender a arte de viver, terena que adquiriu experiências ao tempo da vida e, dominou os fenômenos da vida, da natureza e da espiritualidade. E contava muitas histórias do cotidiano, da sua experiência como fundador e dos trabalhos realizados como pajé. Os conhecimentos tradicionais as sabedorias e conselhos dele como fundador e pajé e lei para família terena.

Na aldeia terere existe, também, casa de oração do koêxomonéti, lugar em que se recebem pessoas para consultas, orações, fazer benzedeadas e pajelança, e indicar remédios que se fabricavam com rizes e ervas. A população da aldeia eles procura remédios ervas medicinais, também os purutuye pela bênção e raizada do pajé. Vale apenas comparar o koêxomonéti da aldeia Terere com o que é descrito por CARVALHO (1996, p.53),

Assim falamos porque a natureza do terena é essencialmente religiosa e ele não vive sem a religião de sua vida. Nele, ela pode estar num rito de formação diferenciada, mas no momento de necessidade ele recorre ao processo vital de sua, origem. Ela vai para a benzedeadas, ele vai para ervas, ou nomes que se queria dar, mas com certeza ali ele busca até o impossível em quem acredita. Como a religião está ligada á vida, ele só toma remédio químicos depois que passou por todas as bênçãos e por todas essas formas de remédios naturais .Por falar em bênção , ele repete um sem numero de vezes até alcançar o impossível ,em sua concepção ,e só então tenta acreditar no que os outros lhe dizem ou lhe aconselham.

A dimensão religiosa faz parte da própria vida e assim que devem ser encarados a sua formação e o seu ensino na vida de cada um. A criança vai vendo como os adultos vivem e acredita na experiência dos mais velhos e em seu pai titula da família.

Quando são realizados os atos públicos , eles apenas concretizam na aldeia aquilo que já receberam na família .A celebração é, em palavras mais particularizadas, a realização, em comum ou na aldeia ,daquilo que os pais ja transmitiram .Eles não escrevem a experiências da vida, mas a transmitem e os momentos públicos são o elo de toda a comunidade.

E importante começar a pesquisa junto com nosso povo mais antiga para resgatar as histórias de antigamente e de hoje, deixar registrados no papel e fazer livros para escola.

A cada tempo que passa, são esquecidos muitas de nossas tradições e de nossa história .as pessoas mais antigas vão morrendo e, assim, vamos perdendo muitos conhecimentos, principalmente os mitos indígenas contados pelos anciãos vão deixando para trás.

De acordo com dados coletados na pesquisa de campo, observe-se que o contanto intenso dos Terenos com a sociedade purutuye trouxe novas formas culturais que, aos poucos, foram absorvidas. Esses novos valores da cultura não indígena trazem novos comportamentos, agregando-se aos costumes terenas

Geertz (2008, p.11) enfatiza que agregar novos valores á cultura de um povo é um fenômeno, pois “não existem, de fato, homens não modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram. E esses costumes são alterados pela absorção de novas costumes e pelo meio em que vivem ou até mesmo pela natureza do acaso. Partindo desta concepção, Geertz define “que o homem é um ser inacabada, sujeito a incorporação de novos hábitos e costumes, está constante transformação

A aldeia possui uma Escola Municipal Indígena denominada Cacique João Batista Figueiredo, que oferece Educação infantil e Ensino Fundamental e tá lutando para criação do Ensino fundamental. Seu corpo docente é formado por professores Terena que atendem a Educação Infantil e do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Aldeia possui posto saúde com atendimentos médicos.

A imagem 2: abaixo Posto de Saúde da Aldeia Terere.



Fonte: Acervo do autor.20018.

1.2. Escola indígena: Instrumento de Preservação da Cultura e História do Povo Indígena.

De acordo com relatos colhidos a aldeia possuía uma pequena escola fundada em 1996, na gestão do cacique João Batista Figueiredo, esposo dona Flaviana Alcântara, era responsável a da escolarização, ambos foram primeiro moradores da aldeia Tereré, juntamente com seus filhos e netos, iniciava aí uma longa caminhada pela escolarização ,o sonho de melhores condições de vida atribuída á escola é como homenagem a esse grande líder.

Como mostra o foto a seguir, a construção da escola conforme criação nesta edital , o salão a esquerda construídas com ajuda voluntários, através de um trabalho de parceria da igreja católica com médicos e políticos da escola do município de Sidrolândia MS.A construção a direita do foto é a sala de onde crianças e adultos poderiam estudar a Língua Materna , a primeira professora da língua Materna foi a senhora Maria de Lourdes , vinda aldeia Cachoerinha do Município de Miranda MS e a professora Ruth Floriano Tiago ,vinda da aldeia água Branca do Município de Aquidauana MS,através do convite do Frei Alfredo Esgancella naquela época representante da igreja católica em Sidrolândia.

Imagem 3:mutirão construção de sombra com folha de bacuri e do lado casa dos professores.

Disponível:acervo -Professora Ruth,2004

Em 22 de de julho 1996 ,é criada a Escola de1ª Grau Cacique João Batista Figueiredo ,aprovado pelo Decreto nº 564,de 08 de julho de 1992 este decreto aprovou o estatuto do indio.A escola então criada era subordinada a campo Grande ,no Estado Mato Grosso do Sul e assinada pelo presidente da FUNAI/DF Brasília Julio Marcos Germany.

Em 24 de junho de 1997,através do decreto nº 057/97.Dispões sobre a criação da Extensão Cacique João Batista Figueiredo ,artigo 1ª fica criada a sala de aula Cacique João Batista Figueiredo como Extensão daEscola Municipal de primeiro Grau Indigena Armando Gabriel(polo).

O fato de ser extensão incomodou por muito tempo lideranças, pais e professores da aldeia Tereré, era uma constante busca pela emancipação dessa escola, varia inquietação moviam a busca pela autonomia e política escola, para isso a participação de professores, lideranças pais e alunos fizeram movimentos e fóruns de educação escolar indígena em 2014 realizada na aldeia tereré, foram importantes para consolidar o projeto de construção e criação da escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo. O movimento propocionou também a formação destes para a compreensão dos direitos relacionados á educação intercultural.

A escola funciona desde 1997 até o ano 2015 em prédio construída e cedido pela comunidade, uma sala de aula coberta de capim funcionava como sala de aula, depois funcionou no centro comunitário onde também era realizadas as missas da Igreja católica. Nesse período a escola atendia alunos do primeiro ao quinto ano em turmas multianuadas ou seja duas série na mesma sala, com o passar dos anos os números de alunos foram aumentado e foi necessário ocupar outros espaços dentro da própria comunidade para receber os alunos não somente da Aldeia Tereré, mas também recém criada Aldeia Nova Tereré, e para isso foi usado usado como sala de aula uma cozinha de Casa da Cultura Flaviana Alcântara na qual eram atendidas alunos no período matutino e vespertino.

Imagem 4: Centro da cultura "Flaviana Alcântara Figueiredo" Aldeia Terere, onde funcionava como sala de aula.



Disponível acervo do autor, 2018.

É importante ressaltar a participação da aldeia Nova Tereré Sidrolândia MS, na busca da construção da escola, com participação das lideranças e moradores. Falando sobre a importância da construção da escola, pois a população foi aumentada por motivo dos indígenas que vieram das outras aldeias à procura de serviços para sustentar a família.

No ano de 2012 foi solicitada a presença do MPF/MS, para testemunhar o caso que estava acontecendo na escola Cacique João Batista Figueiredo, onde pais, alunos, lideranças e professores não aguentavam mais a situação que se encontravam, seus filhos estudando em condições precárias, o MPF/MS juntamente com a comunidade foi importante para o sucesso da reivindicação da escola.

O depoimento de um pai de aluno “não quero mais que meu filho estude dentro de uma churrasqueira”, esse depoimento muito presente e forte na fala dos pais, que não aguentava mais tantas promessas não cumpridas por parte dos gestores municipais. A comunidade justamente com seus representantes buscava cada vez mais caminhos que asseguravam tal direito da educação diferenciada, no caso a construção da escola.

Depois de muitas promessas finalmente a comunidade indígena da aldeia Tereré conquistou a construção do prédio própria escola. A qual foi construída durante o ano 2015, com recursos próprios da Prefeitura Municipal de SIDROLÂNDIA-MS.

Dia dezesseis de fevereiro do ano 2015, a comunidade indígena aldeia Tereré celebra a inauguração da Escola Cacique João Batista Figueiredo, isto representa um momento importante na história da Aldeia Tereré em Sidrolândia MS, significa um avanço na estrutura escolar.

A parte estrutura da escola contém 04 salas de aula, 01 saguão coberto, 01 sala para os professores e direção, 01 banheiro para os professores, 02 banheiros (masculino/feminino) para alunos e alunas, 01 cozinha.

O resultado do protagonismo dos professores Terena da Aldeia Tereré em articulação com as lideranças tradicionais e pais de alunos e alunas, foram importantes para a realização e consolidação da construção da escola e de autonomia, não que esse seja mais importante para que a escola diferenciada aconteça, mas é um dos que resulta

o sentimento bem estar para funcionalidade dos trabalhos, que não deixa de ser o bem viver.

Imagem:5- Obra concluída Escola Indígena Ccique “João Batista Fiquereido.



Disponível: acervo do autora,2016.

A escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Sidrolândia, foi criada em 17/08/2015 como “ Escola Municipal Cacique João Batista Figueredo, situada na rua Guarani s/n , na aldeia Tereré. A equipe técnica da escola é formada pela diretora formada em Pedagogia , todos os professores tem formação superior , graduados e licenciados em pedagogia . A formação desses professores não é de cursos específicos , como Povo do Pantanal, Prolindi, normal médio entre outros cursos específicos para atender as comunidades Indígenas do Enoterritório Povos Pantanal. São professores formados nas universidades como: UEMS , UCDB, UFMS. Ainda tem muitos acadêmicos que estão na faculdade, estão prontos para atender essa demanda de acadêmicos indígenas que é crescente nos últimos anos.

Escola funciona no turno Matutino e Vespertino, sendo o número de alunos compatíveis com o tamanho da sala, atende os alunos com as necessidades educacionais especiais, e também atende alunos que residem no bairro próximo da aldeia.

Para falar na aldeia nos convidamos à reflexão sobre a realidade dessas escolas . Para isso, apresento um breve histórico da educação escolar indígena desde a atuação das instituições religiosas no passado , até o momento atual, no qual , o Estado, como responsável pelas políticas educacionais , cria o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI .

Em poucas palavras, desde as chegadas das primeiras caravelas até meados de séc. xx., o cenário da Educação Escolar Indígena foi marcado pelas palavras de ordem “catequizar”, “integrar” ou, em uma cápsula, pela negação da diferença . E não se pense que este paradigma é como do passado. Grande parte das escolas indígenas hoje no país como forma similar”, que, por definição, é algo sempre inferior ao “original”. Não é por outra razão, diga-se de passagem, que os currículos empregados nas escolas indígenas oficialmente reconhecidas sejam tão radicalmente idênticos aos das escolas dos não índios. (LOPES DA SILVA, p.150.151) .

Ainda RCNEI conta que volta da metade dos anos 1970 houve mudança no contexto da Educação Escolar Indígena (EEI). Nessa década acontecem várias mobilizações no Brasil para criação de identidade de apoio e colaboração com os povos indígenas. Com esse apoio, o movimento indígena começou a formar, integrando o amplo movimento de reorganização da sociedade civil que caracterizou os últimos anos da ditadura militar no país. Várias comunidades e povos indígenas, superando o processo de dominação, passaram a se reorganizar para fazer frente às ações integracionistas do Estado brasileiros.

Art.78. O sistema de Ensino da União, com colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá os programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta da educação escolar bilingue e intercultural aos povos indígenas, com seguintes objetivos:

I-Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências.

II-Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art.79-A União apoiará o técnico e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos planos Nacional de educação, terão os seguintes objetivos:

I-Fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena.

II-Manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III-desenvolver currículos e programas específicos, neles incluído os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades.

IV-Elaborar e publicar sistemática material didático específico e diferenciado.

3º No que se refere à educação superior, sem prejuízo de outras ações, o atendimento aos povos indígenas efetivar-se-á, nas universidades públicas e privadas, mediante a oferta de ensino e de assistência estudantil, assim como se estimula à pesquisa e desenvolvimento de programas especiais. (incluindo pela lei nº12.416, de 2011)

Com base na constituição Brasileira, que foi aprovado em 1988, foi criada a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996, chamado Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional – LDB. Os artigos 78,79, do título vii da LDB, tratam, especificamente, da educação escolar indígena o RCNEI.

Alguns avanços podem ser constatados na realidade da educação escolar do povo indígena, começando pela criação de escolas indígenas.

Através da pesquisa de campo, pude constatar que a maioria das escolas tem dificuldades para implementar a Educação Escolar Indígenas. Uma dessas dificuldades, se referi ao ensino de bilíngue ou, seja a alfabetização na língua materna de cada etnia.

O uso da língua terena na escola é o ponto prático na sala de aula nos últimos ano, em todo Brasil Não há um modelo único que passa dar conta das situações sociolinguísticas vividas pelo indígenas.Há povos povoa que são monolíngue em sua língua de origem, outros falam mais de uma língua indígena e, ainda, aquelas para os quais o português torna -se a sua língua de expressão São muitas as língua indígena no Brasil quer ocorre risco de desaparecer ,porque são poucas pessoas que falam a língua materna do seu povo .A escola indígena pode ser um papel importante na valorização das línguas indígenas ao possibilitar a escrita dessas línguas no contexto de uso. E tem sido muito rica as experiências nesse sentido, em todo o país. No Brasil contemporâneo são faladas 180 línguas indígenas conhecidas, distribuídas em 41 família, doa troncos linguísticos e dez línguas isoladas (GRUPIONI,2006, p.49)

Freire (2004, p.35) afirma que a escola, como instituição, surge para os indígenas a partir do contato com colonizadores europeus que trouxeram a educação escolar para as diversas etnias indígenas que viviam no Brasil. Tais etnias desconhecem a existência da cultura escrita e transmitiam seus conhecimentos de várias formas, principalmente com o uso da oralidade. O autor mostra que, apesar de terem sido ignorados, os indígenas tinham concepções pedagogia e a aprendizagem acontece em todos momentos do cotidiano, nos quais qualquer sujeito torna-se um agente educacional, e os adultos, geralmente, ensinavam as crianças através do “aprender fazendo”

Segundo Freire (2004, p.11), as primeiras escolas eram” para indígenas “e não “de indígena”. Estas escolas, organizadas em sua maioria por jesuítas, tinha como objetivo principal a catequese, cujo processo educativo desconsiderava a cultura das etnias, acabando por dissociar uma da outra.

Ainda conforme Freire (2004, p.14), os colonizadores não imaginavam a existência de educação entre os indígenas, pelo fato de as etnias serem a contra a punição e não terem a instituição escolar propriamente dita. Por isso acreditavam que os indígenas precisavam ser civilizados nos moldes europeus de escolarização, evidenciado uma visão extremamente etnocêntrica.

Podemos observar, nos textos de Freire (2004) e Paula (1999), que a escola foi usada para colocar em pratica um político que teve como consequência o aniquilamento de inúmeros de povos indígenas, culturais e línguas. Essa escola, muitas vezes, fez com que indígenas fossem, aos poucos ou muito rápido, perdendo suas culturais, tradições, saberes e religiões, ou seja, ela contribuiu para que perdessem sua identidade.

Quando, em 1845, a atuação da educação missionário foi regulamentada pelo governo Imperial, mesmo com a total inadequação do modelo educacional para os indígenas, herança da época do Brasil Colônia, gerou desenvolvimento da força de resistência contra a dominação. Foi dessa forma que alguns grupos conseguiram assegurar e reproduzir sua organização. No ano de 1910 foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), sendo este foi um marco no que se refere á educação escolar indígena no Brasil. Isso se deve uma reformulação da política indigenista feita pelo estado. Com essa reformulação, as escolas indígenas passaram a dar menos ênfase ao ensino religioso cristão, eixo principal da educação missionária, e a estimular o trabalho agrícola e doméstico, com o objetivo de inserir os indígenas no mercado regional, devido ao interesse comercial MENDES JUNIOR, apud OLIVEIRA SOBRINHO, 1828.

Entretanto, Ferreira (2004, p.72) afirma que os indígenas demonstravam um crescente desinteresse pelo processo de escolarização, o que fez com o SPI, em 1953, criasse um programa, em que convênio com o Instituto Linguístico de verão (SLI), em para reestruturar as escolas indígenas, segundo as especialidades de cada grupo. São criadas, as casas do índio que, porém, não consideravam a diversidade cultural de cada povo, uma vez que o materiais e professores espiralizados eram dispendiosos.

Ferreira (2001, p.75) critica os programas educativos ofertados á população indígena por não serem condizentes com as realidades indígenas, além da situação precária de várias escolas, de professores não especializadas e de uma pedagogia alienadora.

Conforme Kahn e Azevedo (2004, p.57-79), a história do Brasil é marcado por um forte processo discriminatório contra indígenas. Até a década de 1970, acreditava-se que as população indígenas iriam desaparecer, devido ao processo civilizatório que sofriam. A literatura á época retratava o índio como “silvícola” isto, é, uma pessoa que vive na selva e que vai superar esse estágio “primitivo”.

O mesmo pode ser observado e na LDB de 1961 e na LDB de1971 que, de acordo com Freire (2004, p.13.), não efetivaram nenhuma mudança em relação aos povos indígenas; pelo contrário, apenas conservam e reafirmam as políticas de âmbito educacional do período colonial .As políticos realizados até aqueles momento, de modo geral, tiveram um caráter intergracionista,ou seja almejavam extinguir as culturas indígenas e integrá-las aos moldes nacional.

Foi no final dos anos 1970.de acordo com Ferreira (2001, p.71), que essa configuração começou a mudar. No período pós-ditadura, várias organizações não - governamentais começaram a surgir no cenário político nacional, direcionando-se para a defesa das causa indígenas. Estas organizações, formando parcerias com Universidades, organizavam encontros, congressos, promoviam debates, para que diferentes grupos envolvidos, com a educação indígena(escolar) pudessem trocar experiencias alternativas relacionados com esse ensino. Os encontros realizados tinham um forte discurso politico e traziam a ideia de educação como um fator de autodeterminação para os povos indígenas.

Do mesmo modo, Ângelo (1994, p.72) destaca-se que, a partir da década 1970-80, os povos indígenas passaram a se organizar em movimentos de luta por autonomia e terra, e protagonismo nas escolas indígenas, segundo o contexto de suas comunidades.

Na década de 1980 vivíamos, no Brasil, o processo de redemocratização, e, é neste contexto que os povos indígenas passaram a ter um papel mais central na formulação política públicas indigenistas. Porém, é com a constituição de 1988 que legalmente passam a ser reconhecidos as diferenças, direitos e peculiaridades das etnias indígenas conforme em seu ART.231:”São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam competindo à União demarca-los, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

Para Almeida (1996) , é na constituição de 1988 que o estado brasileiro reconhece a existência de povo indígenas vivendo em seus territórios e considera que estes possuem um modo de vida peculiar, com a língua e saberes específicos e que, portanto, necessitam de direitos e políticos específicos.

Segundo Freire (2004,p.26),após a Constituição Federal, ocorrem mudanças significativas na legislação referente à Educação escolar Indígena, como na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e no Plano Nacional de Educação (PNE)de 2001. Tais documentos apresentam uma nova função para as escolas indígenas: ambos garantem legalmente o direito a uma “educação bilíngue, intelectual, comunitário, específica e diferenciada”.

Essa escola configura um novo objetivo que é o de reconhecer a diversidade cultural e linguística, valorizar os saberes indígenas ,a fim de recuperar suas histórias, reafirma sua identidades e também favorece o acesso aos conhecimentos técnicos-científicos da atual sociedade Brasileira .Além disso, muitas assembleias continuaram a ser realizadas no país com o intuito de debater o direito dos povos indígenas e uma educação escolar diferenciada e específica, segundo os ideais de cada etnia.

Paulo (1999, p.36) mostra que a LDB/96 reafirma o uso de língua materna e os seus próprios processos de aprendizagem de cada povo, já assegurados na Constituição federal de 1988. Evidencia, também, o dever do Estado de proporcionar uma “educação bilíngue e intercultural”, o que implica na “formação diferenciada de docentes, material didático e currículos específicos e diferenciados de, alfabetização em língua materna e

ensino do português como segunda língua; tudo isso elaborado com apoio técnico e financeiro da União.

Melia (1999, p.11-17) afirma que esses passos não são suficientes para manter a identidade dos povos indígenas, uma vez que podem não atender suas reivindicações, além de não satisfazer suas necessidades, tornando-se, muitas vezes, mais uma forma de dominação dos povos. A Educação Escolar Indígena, presente nas áreas indígenas há pouco mais vinte anos, passa ser objetos de uma revolução pedagógica, através de uma pedagogia própria voltada para a cultura, como baseada educação e da cidadania, buscando uma escola sintonizada com seus interesse e direitos específicos dos povos indígena. Busca-se transformar a escola indígena imposta, estranha aos índios e gerida de fora para um espaço pedagógica e reflexões dos próprios índios sobre seu passado e “futuro”, seus conhecimentos, projetos e definição de um lugar neste mundo globalizado.

As palavras de Marcos Terena traduzem um conceito de cidadania abrangente e global: “nossa geração futura, da família indígena e do branco. Tem o dever histórico de consolidar essa profecia: o sonho de sermos gente, cidadão urbano e cidadão da selva(1992, p26)

1.3 Outras instituições da aldeia Tereré.

Além do espaço escolar, a aldeia também possui um espaço para saúde, o posto de saúde funciona diariamente, sendo os atendimentos médicos de clínica geral feitos os dias da semana, com encaminhamento de pacientes, que necessitam de tratamentos especiais, ao hospital da cidade. Além de atendimento médicos, há também o trabalho da nutricionista que orienta as mães no cuidado de alimentação das crianças, e um trabalho de orientação para as gestantes, feito por uma enfermeira.

Na aldeia Tereré, a maior parte da população e cristã é de evangélicos protestantes praticantes ou pentecostais. Dentro da área existem cerca de três igrejas evangélicas e uma igreja católicas. As igrejas evangélicas, são todos pastoreadas por indígenas da aldeia local, porém, leigos, sem formação teologia. Ultimamente se vê, dentro da aldeia, o crescimento da fundação de igrejas mais evangélicas, por muitos descontentes com os trabalhos realizadas dentro das igrejas mais antigas e com as doutrinas que as regem; então, acabam por fundar outras com diferentes denominações. A minoria segue a religião católica dirigida, na região, pelos Padres, mas, na aldeia, as celebrações religiosas são dirigidas semanalmente por católicas Terena; uma vez por mês, a missa é ministrada por Padres da região do Município de Sidrolândia, que atendem as igrejas das regiões indígenas.

Na aldeia Tereré as tradições continua sendo praticada, como as danças tradicionais de homens e mulheres, Aos homens cabe dançar de Kohixoti kipâhi: dança da ema ou bate -pau (ver foto)

O ritual acontece nos momentos consideradas especiais, como a data do Dia do Índio, comemorando no dia 19 de abril de não, data criada pelos não índios e assimilada pelo indígena, que se apropriaram da data como um evento legitimamente seu. Pode acontecer também em dia especial, como comemoração de algo que ocorre na aldeia, como forma de recepção a algum líder que esteja visitando, em um evento cultural oferecido pela escola, ou até mesmo para demonstração da cultura terena aos purutuye, não indígenas. Assim como dança a língua indígena /materna ainda continua sendo a mais falada entre os membros da comunidade, colocando a língua portuguesa como segunda língua.

As mulheres executam a sepúterena, dança que vale para qualquer idade, dependentes do estado civil (ver foto) e exclusivamente feminina. Na semana da data comemorativa do Dia do Índio elas fazem esse ritual, dançado por mulheres de várias idades, meninas, crianças, adolescentes, jovens e adultas. Suas vestimentas são confeccionadas muito antes da festa e, para isto, vão ao mato em busca de matéria prima, que é o talo de bambu(coqueiro).Este ritual é executado em homenagem a algum acontecimento importante como, por exemplo, a chegada de filhos ,a partida de filhos, a partida de alguém da família para um trabalho,casamento,nascimento,a vitória dos homens que voltavam das lutas;enfim,trata -se de um ritual comemorativo.

As comidas típicas também são encontradas em meio às festas culturais, como o hñhi, o lapêpe, o pöreo, alimentos feitas a partir da mandioca, e também o ipunúpa, um bolo feito de arroz.

CAPÍTULO II. OS MITOS CONTADOR PELAS ANCIÃS E SUA IMPORTÂNCIA NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA TERENA.

Os mitos indígenas se continuam temas importantes para kalivôno indígena, pois têm um papel fundamental na preservação da cultura, da língua, costumes e organização do seu grupo, no futuro. Trata-se de manifestação culturais da linguagem. Os mitos são históricos transmitidas oralmente através dos tempos. Misturam fatos reais e historiais com acontecimentos que são frutos de fantasia.

Mitos são narrativas que possuem um forte componente simbólico. Como os indígenas da antiguidade não conseguiam explicar os fenômenos da natureza, criavam mitos com os objetivos de explicar e dar sentido às coisas do mundo e também como uma forma de passa os conhecimentos, misturando deuses, heróis e personagens sobrenaturais com fatos reais

Mitologia è compreendido como uma forma de explicar o mundo, como se constituem as pessoas, as primeiras obras civilizadoras dos homens e explicar os fatos que se encontram no centro do contexto social, que são repassados de uma geração para a outra .No contexto social, o mito fundamenta a explicação do panorama social que envolve homem/mulher/criança.

Segunda Junqueira. (2002), uma das maiores desigualdades entre o povo *Kamaiurá*, numa visão mitológica, é a relação entre o homem e a mulher, visto que os homens têm possibilidades de ampliar seu universo de conhecimento no Mundo; já a mulher se destina a um lugar fechado, de atividades rotineiras, longe das atividades de prestígio e de poder. As atividades limitadas aos serviços domésticos e cuidados com a família, sem privilégio de contanto coletivo e restritas a trabalhos menos visíveis acarreta às mulheres a limitação de seus conhecimentos, principalmente daqueles que proporcionam situações de poder e prestígio e que, geralmente, são privilégios masculinos. No caso dos mitos *Kamaiurá*, geralmente a mulher é exposta ao ridículo, pois retratam sua figura depreciativamente, sendo vítima de zombaria, despertando nos homens o prazer do divertimento com as situações relatados.

No caso dos terenas, o que define o papel da mulher é o mito que está contida na bíblia (influência das religiões cristãs),o qual ordena á mulher o dever de ser submissa ao seu marido e esperar dele toda a decisão, pois se desconhece algum mito da própria cultura terena que explique e aponte para a mulher como um ser inferior que deve estar longe das atuações de prestígio dento da comunidade.

O mito de Adão e Eva, escrito na Bíblia(livro da gêneseis),sobre a criação da mulher a partir da costela de adão e pelo consumo da fruta proibida, desgraça a vida da humanidade, explicita com clareza a imagem maléfica que se criou da mulher, enquanto criadora da desordem, um ser perturbador da sociedade, provocadora do caos, vista como maligna ,uma ameaça á sociedade, segundo pude apurar em conversa informal na pesquisa do campo.

Como vários mitos indígenas são verdadeiros porque o nosso povo ainda acredita na força e no poder da água, fogo, terra, sol e da natureza isso porque foi assimilado sem questionamentos e sem interpretação.

Quando eu era criança, minha avó me falava que Orekajuvakái era um homem que vivia perdido no mundo, sem rumo e sem destino. Isto me amedrontava. Orekajuvakái é o personagem central e fundador de outras origens, pois, ao procurar o Bem-te-vi, encontrava outros povos.

Acreditando que os mitos são importantes na formação da nossa identidade étnica, desde o início do curso superior, coloquei meu interesse em desenvolvimento o meu TCC nessa e temática.

Para tanto, realizei esta pesquisa numa abordagem qualitativa, um estudo do tipo etnográfico que, na visão de André (1995, p.27),” é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura a cultura e a sociedade”. Durante a pesquisa, realizei observações participantes e coleta de dados através de entrevista .

Os sujeitos da pesquisa foram três anciãs moradoras na aldeia e responsáveis pelo Contação das estórias classificadas como mitos de nosso povo, ou seja, as guardiãs da cultura oral. Após ouvi-la, fiz transcrição de suas falas na Língua Terena e, logo depois, as traduzir para portuguesa entrevista se deu na resistência das mesmas, no momento do almoço ou tomar mate no fim da tarde. Foi possível coletar apenas três mitos, narradas pelas três anciãs abaixo nominados:

1-**Dona Leda geronimo**, da etnia Terena, com expectativas de vida de oitenta anos, que reside na aldeia tereré.

2-**Dona Maria almeida**, da etnia Terena, com expectativas de vida de setenta e três, que reside na Aldeia Terere.

3-**dona Paula Florêncio**, da etnia terena, com expectativas de vida de setenta anos, que reside na aldeia tereré.

Portanto, esta é uma tentativa de fazer chegar até o currículo da que existe na aldeia Tereré, bem como nas demais aldeias Terena, uma parte de nossa cultura que vem sendo transmitida oralmente, mas que, a cada dia desaparece com a morte das anciãs. Muitos outros mitos já se perderam. Novos tempos na vida dos indígenas exigem também novas formas de comunicação e manutenção da cultura. Para isso. Registramos aqui, nas duas línguas, os mitos narrados.

2.1. Os mitos narrados e escritos nas línguas Terenas e portuguesa.

2.11. Exêтина eno yóti (história contada por Dona Leda geronimo).

Yanêko káxe ya 13 ya agustu 1913. Ápe exetina póhuti sêno kalivôno, ndúse, koeti xo'enena yanêko mékuke. Héu koêti kalivôno aháxo komóhiyea nonékuke ovokúti xapa uhá'iti yóti, itea ako akútípo inamá'axo piho komohiyea koane vaúkea imokea imokevo.

_yanê'e apé, ápe, koene, êno ne yoti koeháti vánunu. Ápe maka máresona herenópe kalivôno, ákoti akotipó. – Yáneko mekúke, êpone êno ne sêno kalivôno, kixôa akô'iyea omotová komohiye, ya yóti, voku apéiyea êno ne yóti, itea áko akutípó inama'oxo piho komohiyea koane vauke'a imókevo. _ Yanê'e apé koene vanunu hirenoâti ne kalivôno omópone vanúkeke. Ina ehakóvo êno, méukeke noxo xe'éxa, ina talakéxovo mikú, kixópe'ane pohuti poixo'o, hêve ketoke koene hêve. _yane eponê'e, êno kopúhixó héukoeti mbâriti ainovo koeti it'ina ehaxiko ho'openo koháti tîma ina homoxôa ya íti, inamaka ahâxiko poinú hó'openo. Yane ápe kôane hará koê kurô. Hemáxinanu, kiripúhi kêvi ya harara'iti íti. – yanê'e ápe kôene ilí'ili imaikéovo vo'oku ako'ôtine ínixa íti motovâti homóxê'ovo. _ Yanê'e, hara kôe yúho: Ukeátine kó'oyene, namungo'âtimo ínamo ningã'a heu koete hó'openo ákoti ivákapu. Ukeane ópo

Era uma sexta no dia 13 de agosto de 1912, aconteceu a história de uma menina que tinha, aproximadamente, 12 anos de idade.

Naquela época, as crianças gostavam de brincar na frente de casa, quando a lua cheia estava clara.

Um grupo de meninas brincava e cantava alto.

Quando, de repente, apareceu a mãe da noite, que é conhecida na língua terena por vanunu, e lançou uma das meninas.

A mãe, que estava lá dentro, ouviu o grito e saiu para fora correndo e viu sua filha com a corda no pescoço.

Ela começou a gritar e a pillar e alcançou uma das pernas da menina e puxou-a e, quando

2.1.2.hoenaxope ora viyéno (história contada por Dona Maria Almeida).

Enepora exetínati éxetina Mariya 73 koeti xoenaena,ihae ya tereré .Ya yóti êno ne hékere itea ako itúkovoqe ne h´kere xapa yiyeno mekuke.ápe maka hoenáxeati orára ya mâtrukata,koane ápe yonoku kuteâti ihoko ya yóti ,koane honóheo ya yóti ,ya mêum énomone komómo,ne hékere kohati kipâe,koane exó kixoane itukótineye ôra,Yane yane koene yuho;kuáturune ôra yé'exone yúponiyea.Itea koati kanáuti ne emoum.Kene ya yupóniti hane kom´mo káxe kuteâti koêku yúhurea xâne enepo xamâim ákoe nóvenemo ôra ,kene epo akôe ndûsenemo ôra koene.

Tradução

Relógio de nossos antepassados.

No céu existem várias estrelas, cada uma mais bonita do que as outras, piscando como se fosse vagalumes, mas á noite, servem para iluminar nossa estrada, como se fosse a nossa lanterna. Mas, para nosso ancião, estas três estrelas têm o seu significado, é um dos ponteiros do nosso relógio, porque antigamente não existia relógio para Terena. E através dele, olhava a hora na madrugada, porque eles precisam sair para caçar. Neste caso, muitos deles sabiam olhar a hora sem relógio e acertavam sem errar.

Durante o dia, eles baseavam as horas através do sol ,pelas sombras das casas, das árvores, da própria pessoa ,para se orientar em relação ás horas do dia; se a sombra fosse inclinada, já era, aproximadamente,quase nove hora ,mas se fosse vertical, entendia-se que era meio dia, e ás três horas, as sombras começaram a aumentar de tamanho ,em direção ao sol nascer.

2.1.3. *Kutipone* (história contada por dona)

Ukeati isoneuke ne mème koati ikanauxoati ya xokóyeke, koane koati kutipoati. Motovati akoyea inatapá okovo, epo'oxo ya visouneke, konokoa kaxunakea, enepone exoneti ya ovohoxoati ya yokoyeke.

Pohutine komomó kixoa ne kalivôno exoane akoyea aunati. Ina ivavakoane exoanexo itukevo quebranti yuvaá. Ya yuho ne mème, ukeati ya ináti ihono ne kalivôno, tuku koeti ya singu koeti xonae pohexoako ne quebranti: Epone mème ainoné honoxopé há'a

Inúxoti-éno ohoné tûti.

Pi'ape-akó aunati koxeu.

Mopó'ape -akó akaha'a ohikea

Kuáturuxope-ina kayaikovo ne muyo.

Siguxope-keko'okone kotuyea, koane kasaiyea muyo.

Yane oposikoane xâne ne mème, motovati itea koiteava ne kalivôno ya xúnakoke isoneu, Koane ikó'itukexea enepone ipixati, mikuokoamaka, oposikoa ne kali tûti tikoti ,ipihomaka vo'û ya tûtike, iropokexôa ne aliu, motovati ipihoa ya hevêkuke, eno motovati kixea.

Koati akoti motovati kuhika ûti enepone kali exóne, akoyea inatapa okovo, motovatimaka, kutipea ne inamati xâne, yo'oke enonemo koukopónoa ne exonete, akoyea kuhika ûti kixoku vitukevo kopénoti.

Tradução:

Crença Indígena.

Um processo mental que acredita do manifesto da fé daquela ou aquilo em que se crê:

Portanto levamos conosco uma imensa sabedoria dos nossos anciãos, o ensinamento sagrado, e verdade e força movido pela fé. Tais como “quebrante”: Segundo relato da anciã com suas experiências que maioria das vezes; atinge as crianças de zero a três anos e sucessivamente, a sintoma da quebrante é identificado em saberes dos anciãos:

1º sintoma – dor de cabeça muito forte

2º sintoma -mal-estar

3º sintoma -dificulta amamentação

4º sintoma -o corpo fia repuxado

5º sintoma- suo frio, corpo gelado

E quando há um desse sintoma, pode levar ao conhecimento dos anciãos para realizar processo de cura natural: Como puxar crianças (massagem), pegar flor do campo, passar a mão em cabeça, colocar óleo com sal na testa, frintar alho e passar nas pernas.

É importante acreditar e valorizar saberes dos nossos anciãos, não deixar ser esquecidos, são os mais novas, os filhos e os netos, que vão ficar com a responsabilidade dos nossos conhecimentos. Para que no futuro não se perca a história da vida e a cultura de nosso povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é resultado de muito esforço e teve como objetivo preservar parte da história do meu povo e de suas tradições, ou seja, a cultura Terena. Com a realização deste trabalho, busquei esclarecer aos alunos indígenas sobre a necessidade de destacar a cultura Terena e as histórias contadas pelas anciãs da aldeia.

Os mitos indígenas são importantes para todos, especialmente para *kalivonô* - criança indígena, e a contação deles, pelas anciãs da aldeia, tornou-se, ao longo da nossa história, uma forma de preservação da cultura, da língua materna, dos costumes e da organização do povo Terena. Somos a própria História mantida pela oralidade. No entanto, nos últimos tempos, vários aspectos dessa história e cultura vêm sendo registrados por escrito, mas a maioria é feita pelo olhar do não indígena, que sempre deteve o conhecimento e o poder sobre a Ciência, e nos olha como diferentes do que realmente somos.

Ser diferente não significa ser melhor ou pior, significa apenas ter costumes, valores e comportamentos diferenciados de outros grupos sociais. Através desta leitura, é possível que a criança perceba com mais clareza as múltiplas culturas que fazem parte da formação do povo brasileiro, criando, assim, uma forte barreira contra o preconceito e a discriminação, tornando-se um cidadão mais sensível, mais ético e, conseqüentemente, um ser humano melhor, com um olhar plural para a vida e para o mundo.

Entretanto, essa realidade vem aos poucos se modificando, com a inserção de muitos indígenas, assim como eu, nos cursos de formação superior, nas várias áreas do conhecimento, apropriando-se dos conhecimentos e técnicas de pesquisa que favorecem o registro de nossa história e cultura, a partir do nosso olhar.

Foi com este olhar e com a forma indígena de pensar e de viver a cultura Terena, que realizei este trabalho. Embora tenha demorado mais de dois anos para ser concluído, foi um aprendizado importante e significativo para mim, do ponto de vista dos aspectos que acabo de citar. É uma indígena falando da sua cultura indígena. Assim, conclui que, quando a história é contada pelo próprio narrador indígena, isso faz com que o leitor seja convidado a refletir sobre a sociedade brasileira, na perspectiva de vida que os indígenas levam até hoje, com o respeito que merecem por parte de toda sociedade.

Levar para o currículo da escola indígena os mitos do próprio povo é uma forma de manter viva, em cada etnia, a sua cultura e a sua história, propiciando às crianças e jovens do futuro, indígenas e não indígenas, o conhecimento e o respeito por todos que compõem a grande nação brasileira. A educação escolar, hoje, é um bom lugar para essa construção cidadã.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliene Amorim. Especificidade, diferenciação e adequações – a educação escolar indígena no Brasil. In: **Educação e Realidade**. Rio de Janeiro, v. 08, n. 49, 1996.

acesso em 10 de julho de 2013:
http://www.observatoriodaeducacao.org.br/ebulicao/ebul17/fai_azul_Link1.html

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995 (Série Prática Pedagógica).

AZANHA, Gilberto. **Revista de Estudos e Pesquisa**, FUNAI, Brasília, v, n,1. p.61-111, jul. 2005.

ÂNGELO, Francisca Novantino P. de. **Participação e Autonomia na Gestão das Escolas Indígenas: Uma Reflexão**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BALANDIER, Georges. **Antropológicas**. Tradução de Oswaldo Elias Xidieh. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1960.

Abordagem filosofia e antropologia :**formação técnica**. **Brasília**: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância. 2005.pag25. BESSA, Dante

BITTENOURT, Circe Maria. **A História do Povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BITTENCOUT.Circe Maria, LADEIRA, Maria Elisa, **A História do Povo Terena**, Brasileira:MEC,2000

BRASIL. **LEI Nº 6.001**, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. TÍTULO I. Dos Princípios e Definições. Art.1º.

Acesso em 11 de agosto de 2013.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm

BRASIL. Ministério da Cultura. Educação Básica. **Homem, pensamento e cultura**: abordagens filosófica e antropológica: formação técnica. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2005, pág.25. BESSA, Dante.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF,1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 1990.

FERREIRA, Mariana Kawal Leal. **A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação do Brasil**. In: **Antropologia, História e Educação: A Questão Indígena e a Educação**. SILVA, Aracy Lopes da e FERREIRA, Mariana Kawal Ferreira (Orgs.). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Trajetória de Muitas Perdas e Poucos Ganhos**. Rio de Janeiro: IBASE, jul. 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRUPIONE, Luís Donisete Benzi. **Formação do Professores indígena: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

HELG. História do Ensino de Línguas do Brasil. **LDB de 1961**.

Acesso em 11 de agosto de 2013.
http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=32:ldb-de-1961&catid=1035:1961&Itemid=2

JUNQUEIRA, Carmem. **Sexo e Desigualdade**: Entre os Kamaiurá e os Cinta Larga. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

KAHN, Mariana e AZEVEDO, Marta. **O Que Está em Jogo no Desafio da Escolarização Indígena**. Rio de Janeiro: IBASE, jul. 2004.

LESCANO, Claudemiro Pereira, Tavytorea Reco Rokyta: **Os pilares da educação Guarani Kaiowá** nos processos próprios de ensino e aprendizagem. UCDB, Campo Grande MS.2016.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. Mitos Indígenas. In: **Pesquisa Escolar Online**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
Acesso em 11 de agosto de 2013.
<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>

MELIÀ, Bartomeu. Educação Indígena na Escola. In: **Cadernos CEDES**. Campinas, v. 19, n. 49, p. 11-17, dez 1999.

MENDES JUNIOR, João. **Os indígenas do Brazil, seus direitos individuais e políticos**. São Paulo: Typ. Hennies Irmãos, 1928, pág.54

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Processo de Assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

OLIVEIRA Sobrinho. **Os silvícolas brasileiros e a legislação pátria**: o Decreto Legislativo 5.824, de 1928. In: SOUZA FILHO, Carlos Marés (org.). **Textos clássicos sobre o direito e os povos indígenas**, p. 93-124.

PAULA, Eunice Dias de. O caso Tapirapé: uma escola indígena frente às políticas públicas. In: TELLUS, Campo Grande, Ano 08, n° 14, 2008. Pg. 171-

Fonte: Arquivo da autora



ILUSTRAÇÃO 2-Visão entrada da aldeia Terere

Fonte: Arquivo da autora



ILUSTRAÇÃO 2-Criança Terena momento de lazer em casa.

Fonte: Arquivo da autora



ILUSTRAÇÃO 3-Escola Cacique João Batista Fguereido.Fonte :arquivo da autora.

Fonte: Arquivo da autora



ILUSTRAÇÃO 4-Igreja Uniedas

Fonte: Arquivo da autora



Ilustração 5- Dança da ema ou dança do bate-pau representando as duas metades endogâmicas: *Súkirikeono* (esquerda) e *Xúmono* (direita).
Fonte: arquivo da autora

Fonte: Arquivo da autora



Ilustração 6- Dança da *seputerena*, dançada pelas mulheres.

Fonte: Arquivo da autora



Ilustração 7 – Dona Leda Mamédio Gerônimo, de 80 anos – umas das entrevistadas.